

Alberto Roselli

(DA CONFEDERAÇÃO CATHOLICA DO
RIO GRANDE DO NORTE)

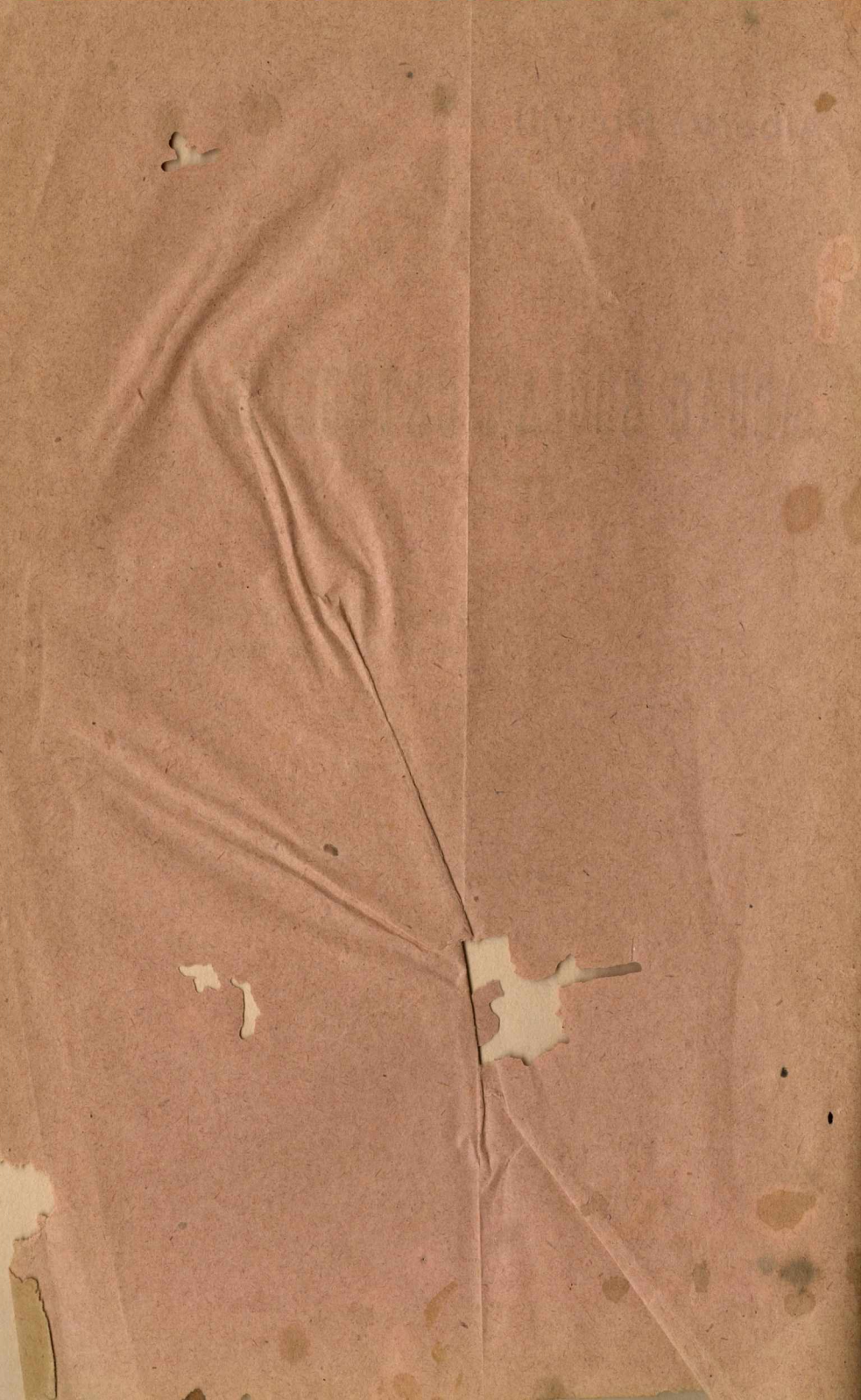
ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA



NA FESTA DE CRISTO REI
EM 30 DE OUTUBRO DE 1932



Typ. Commercial J. Pinto & C. — Natal
1933



Alberto Roselli

(DA CONFEDERAÇÃO CATHOLICA DO
RIO GRANDE DO NORTE)

ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA



NA FESTA DE CHRISTO REI
EM 30 DE OUTUBRO DE 1932



Typ. Commercial — J. Pinto & C. — Natal
1933

Alberto Roselli

1910

1

2

3

Ao grande

Tristão de Athayde — o inspira-
dor maximo destas palavras de Fé —
a minha immensa admiração.

A. R.

O filho do carpinteiro, nascido em Belem, conquistou a soberania do mundo e hoje tem em cada coração um throno que nenhuma força da terra pode abater.

A criança humilde do presepio subiu a escada do martyrio, para fazer do universo o pedestal de sua realeza.

O menino da mangedoura, que a maldade humana perseguiu e levou ao Calvario, cingiu a coroa de gloria, na 'aureola da resurreição, para submeter em torno de sua magestade todos os monarchas da terra.

A lição dos tempos alicerçou cada vez mais na consciencia dos povos o poder eterno desse Rei divino a quem, nesta festa de amor e neste tributo de entusiasmo, rendemos o culto de nossa admiração e confirmamos a satisfação de nossa vassalagem.

QUEM E' ESTE HOMEM ?

Ainda hoje, porem, resoa a mesma interrogação que ha 20 seculos perturbou o tetrarcha da Galiléa ao ter conhecimento dos milagres e prodigios do homem fascinante que arrastava multidões e attrahia pela doçura de sua palavra, dizendo verdades que jamais ninguem dissera e tendo gestos sublimes, apesar de sua pobresa e humildade.

«Quem é este homem de quem ouço contar taes cousas?»

Assim falava Herodes ha 1900 annos.

Quantos Herodes da actualidade perguntam a si proprios o mysterio que os envolve, no vacuo da descrença e na perturbação das incertezas que os cercam! Quantos Herodes, modernos, dentro de uma concepção falsa dos phenomenos da natureza, interrogam a esphinge do mundo, sem obter a decifração do enigma a que só a luz da Fé é capaz de dar a resposta exacta!

CRISE E DESEQUILIBRIO

O mundo se debate dentro de uma crise tremenda, sob qualquer dos aspectos por que se encare a situação afflictiva das nações, premidas umas, asphyxiadas outras, por questões serias que as razões do di eito ou o direito da razão não podem naturalmente resolver, ou mesmo remediar, taes as incognitas que entram na composição dessa equação insolúvel na mathematica humana.

Ha um verdadeiro desequilibrio moral, material, espirital, social, economico, philosophico e religioso.

Ninguem encontra nas regras estabelecidas pelas leis naturaes uma explicação conveniente para fazer luz nesse cáos terrível.

Os governos luctam contra a desordem. A indisciplina lavra por quasi toda parte, agitando as classes. A desobediencia convulsiona todas as camadas sociaes. O indifferentismo, em que se espreguiçam os que deveriam ser sacudidos pelos ardores da Fé e pelas emoções do amor, vence uma bôa parte das gentes mesmo de bôa vontade. A fallencia a que foram arrastados todos os principios doutrinarios da produção, distribuição e circulação das riquezas ameaça até os seus fundamentos a economia mundial. A miseria de caracter é incontestavel.

A COLERA DIVINA

No meio das hesitações e das collisões do pensamento, nas atribulações que nos torturam o espirito, extremunhados dentro da onda de revolta que invade o organismo depauperado da sociedade, poucos são os que se lembram de Deus e menor ainda é o numero dos que teem medo de bradar como Santo Agostinho: «Até quando, Senhor, estarás irado contra mim?»

Estará, de facto, o Senhor irado contra nós?

Apesar de nossa maldade, apesar de nossos sentimentos perversos, que explodem por vezes dentro da miseravel contingencia humana, apesar de nossa

indifferença e do nosso desprezo para com Elle, que nos dá tudo e nos é tudo, Elle é bom demais e não está irado contra nós.

Elle chora sobre as miserias do mundo ingrato. Elle soffre porque não o procuramos sempre. Elle sangra de dor pelas suas chagas bemditas, ainda abertas, porque não Lhe levamos sempre o balsamo de nossas preces, o lenitivo de nosso affecto, o carinho de nosso amor, a solicitude constante de nossos cuidados, a continua preocupação de nossos pensamentos, o fervor perenne de nossa dedicação, a lembrança eterna de nossas acções, as nossas communhões frequentes, as nossas visitas assiduas ao tabernaculo.

Esquecemol-O dias prolongados. Não nos lembramos de que Elle sempre está presente a tudo e somos indifferentes ao zelo de sua protecção e á munificencia do immenso coração que é a vida de nossa vida.

INDIFFERENTISMO

Quanta blasphemia por ali afora a offender a bondade divina! Quanta profanação louca das cousas sagradas! Quanto horror e quanta heresia! E' exacto que São Paulo affirmava serem as heresias necessarias, porque não só obrigam os orthodoxos a lançar mais luz sobre a verdadeira crença e a formular novos dogmas, como constituem tambem um indicio de vitalidade da Fé. De onde concluir Papini, que o mais terrivel inimigo da religião não é a heresia mas sim o indifferentismo, o scepticismo.

Com effeito, é a indifferença o grande mal de nossos tempos. Poucos são os que se importam de verdade com as cousas da Igreja. Fala-se em sciencia como equivalente de atheismo. A sociedade anda divorciada da moral catholica. Ha por toda parte a nota revoltante da despreocupação das questões religiosas.

TOMA E LÊ!

Felizes os que, como Santo Agostinho, podem

ouvir nos instantes difficeis de fraquezas e de attri-
bulações, de desespero e de dor, de incertezas horri-
veis e de presentimentos funestos, aquella voz de cri-
ança que o grande illuminado de Hippona sentiu fe-
rir-lhe a sensibilidade em uma das phases mais criti-
cas de sua vida: «*Toma e lê. Toma e lê.*»

LER O QUE ?

Ler o que? Que estava lendo o filho de Mo-
nica? Dentro de Agostinho, naquelle dia extraordi-
nario de sua existencia divagadora por estradas tor-
tuosas onde o pensamento não se sentia bem e uma
voz intima lhe segredava que estava em erro, logo se
accendeu uma luz brilhante que o despertou do tor-
por a que de ha muito se achava entregue em diva-
gações inuteis e perigosas. O livro que lhe estava á
mão continha as Epistolas de São Paulo, e elle lem-
brou-se de que seu amigo Ponticiano, alto dignatario
da corte imperial e africano como elle, lhe dissera
certa vez que um versiculo do Evangelho lido perante
Antonio, o grande, anachoreta egypcio, tivera a vir-
tude de fazel-o mudar de rumo na existencia que até
então levava. E Agostinho, que lia e meditava as Epis-
tolas para apurar ao fogo das palavras do apostolo
os fructos de sua iniciação neoplatonica, agarrou o li-
vro e leu. Leu com amor. Leu com a convicção dos
fortes. Leu revestido de coragem e com o proposito
de beber naquella fonte inesgotavel a sabedoria do
destino, a sciencia do bem, o ensinamento consolador
da vida. Leu quanto lhe bastou para a certeza de
emendar-se. Como calaram fundo no seu espirito as
palavras do apostolo: «*Auxiliae ao que ainda é fraco
na fé.*»

Ah! si todos pudessem, nos momentos tristes da
existencia, ter a inspiração de recorrer aos livros san-
tos e se deparasse sempre com esses conselhos que
se ajustam a tão grande numero de indifferentes!
Quantos, fracos na fé, a precisarem de auxilio e sem
que saibam procural-o, apesar de ser facil o remedio
nas grandes crises do coração, nos contratemplos da
alma, nas fraquezas do espirito!

NINGUEM LÊ

Mas, ninguém lê. Ninguém se importa com as boas leituras. Poucos são os que procuram os bons livros. Poucos são os que se interessam pelos trabalhos de valor. Poucos são os que se preocupam com as obras de ensinamentos reaes e de doutrina pura. Nem mesmo o catecismo, a Imitação de Christo, os manuaes de piedade, tantas leituras deliciosas e edificantes merecem um pouco de attenção de muita gente. No entanto, o bem que fazem é tão grande. Quanto enlevo nas paginas desses preciosos thesourinhos que a gente pode perlustrar num diminuto instante, mesmo por desfastio. Poucos são os que se illustram com as lições do Evangelho ou com as belezas incomparaveis dos moralistas christãos. Entende-se que é perder tempo ou que não vaie a pena meditar alguns momentos apenas, por dia, nas verdades que se encerram nos escriptos profundos que se baseiam nas verdades eternas da pregação nazarena.

O QUE SE LÊ

Lê-se muita futilidade. O que se lê são livros sem resultado pratico para a alma. O que se compra é só literatura barata e de carregação, industrialmente lançada á publicidade para explorar a credulidade publica ou a curiosidade alheia.

O que se lê, é perturbador do espirito fraco, que não tendo base christã, se deixa arrebatado pela mentira e pela felonía de promessas irrealisaveis e impossiveis. Espalham-se livros subversivos a baixo preço para envenenamento dos que andam á cata de novidades. Preparam-se livros de effeito para os incautos. Imaginam-se sensações estonteantes para regalo dos que não teem a mente formada á influencia de ideas consolidadas moral, scientifica ou philosophicamente. Insulta-se a opinião publica, mentindo e ridicularizando a doutrina religiosa que domina o mundo, porque os insultadores não podem destruir-lhe os fundamentos com a força da razão nem com o clarão

da intelligencia. Explora-se a credulidade publica por processos miseraveis. Abusa-se da bôa fé alheia com o charlatanismo interesseiro dos propagadores de credos falsos. Corrompe-se a moral social com as licencias mais criminosas de costumes paganisados e de despudor insolito. Mente-se á consciencia collectiva para proveito pessoal dos profissionaes do erro e dos amigos do fingimento.

O QUE SE DEVE LER

No entanto ninguem se volta para os livros de religião com a mesma sofreguidão com que se atiram muitos a obter cousas imprestaveis e envenenadoras da mente. Poucos são os que se interessam pelos livros de moral catholica. Pretextos, desculpas, justificações anemicas taxam de fastidiosa, aborrecida, displicente a leitura do que serve, e se despreza conscientemente. Reduzido é o numero dos que se comprazem com a leitura dos livros de doutrina christã. Não são muitos os que se dedicam ao conhecimento dos Evangelhos onde tudo se aprende, onde tudo se aproveita, onde estão comprehendidas todas as regras de vida, todos os ensinamentos do bem, todas as normas sublimes de bondade, todos os exemplos extraordinarios de amor, para modelo de todas as virtudes, espelho de todas as consciencias, fonte inexgotavel de todas as consolações, lenitivo para todas as dores no desespero mais cruel ou na decepção mais aniquiladora das ingratidões humanas. Só ali encontramos estímulo ás forças depauperadas, para que possamos resistir a todos os embates, na certeza de triumpho e na esperança de recompensa—luz que nos guia nos caminhos tortuosos da vida, pharol que nos indica a estrada tranquila da felicidade.

A PALAVRA DE ORDEM

Quantos tem noção do que sejam as verdades que devem ser cridas e o erro que deve ser repudiado, tão claramente expostas aquellas e condemnado

este atravez, as proclamações solemnes dos Papas, a palavra dos bispos, a pregação dos sacerdotes?

Deus não nos entregou discrecionariamente á fúria dos elementos ou aos vendavaes da sorte. Elle não nos embarcou na Sua Igreja, diz São Francisco de Salles, á mercê dos ventos e das aguas, sem nos dar um piloto experiente, um guia seguro que saiba os segredos da navegação.

Devemos, pois, ouvir a palavra de ordem da Igreja que nos vem dos pastores de almas, dos padres que são os continuadores dos apóstolos, os principes diocesanos, os Vigarios de Christo, ensinando e pregando a todas as nações.

A VOZ DE COMMANDO

Si ninguem lê, ao menos seja ouvida a voz de commando da Igreja, nas explicações do Evangelho, nos sermões festivos, nas conferencias catholicas, nas pregações missionarias, nas reuniões de character religioso a que todos devem assistir com interesse e assiduidade.

A Igreja não quer indifferentes, detesta a preguiça intellectual, condemna a inercia do espirito, protesta contra a indolencia dos que se segregam e se isolam, quando o dever geral é de associação, de actividade, de acção social catholica, agora mais que nunca imperiosa necessidade no momento historico que atravessamos.

A ACÇÃO DO CLERO

Si é exacto, como já dizia o grande orador sacro padre Julio Maria, que Natal teve a ventura de ouvir ha trinta annos passados, que «o clero não pôde nem deve encastellar-se nos santuarios, contemplando de longe o povo, mas vir para o meio d'elle de modo a consorciar os espiritos, pacificar as almas, sujeitar o despotismo do capital ás leis da equidade, christianisar a officina, numa acção social com o povo e para o povo», dever maior é o nosso, dever maior

é o dos leigos de auxiliar a hierarchia ecclesiastica em sua tarefa de acção apostolica.

CRER, PORQUE ?

Ninguem crê sem saber porque crê, dizia S. Thomaz de Aquino. E o nosso grande Tristão de Athayde, o leader arrebatador da mentalidade catholica nacional, o successor extraordinario de Jackson de Figueiredo, o batalhador destemido, companheiro de Felicio Jos Santos, esclarece com muita razão: «Aos que perderam a fé, porque não sabem o que é crer, precisamos captar pelo conhecimento verdadeiro do que sejam as riquezas philosophicas, scientificas, sociaes e moraes da Igreja. Aos que creem, sem saber porque creem, precisamos abrir os olhos sobre os perigos de uma fé convencional, que poderá perecer aos embates das primeiras objecções mais serias.»

CATHOLICISMO DE PARADA

Para evitar os perigos que podem advir dos desvios provaveis por falta de fortalecimento de fé, que se acabe com o «catholicismo de parada» que de nada serve e não é mais do que uma apparencia enganosa, sem resultado ou proveito em favor dos supremos interesses da Religião.

Precisamos trabalhar com efficiencia. Devemos auxiliar as obras que nos incumbem e que ahi estão a reclamar a nossa boa vontade, a nossa cooperação decidida, a nossa collaboração real, a nossa participação immediata.

NOSSO DEVER

São multiplas as nossas obrigações de catholicos de acção.

Convençamo-nos de que temos serios deveres sociaes, culturaes, e espirituaes, e não podemos fugir á responsabilidade que nos cabe nesta hora decisiva da Patria, de que poderão tirar partido perigoso os

nossos adversarios, que trabalham na sombra, que se escondem nas trevas, que conspiram em silencio, aguardando o momento asado para nos atirar aturdidos na confusão que insuflam e preparam contra a Patria, a familia, a escola, e a Igreja, e contra todas as instituições que nos são caras ao amparo dos ensinamentos de Jesus.

ISOLAMENTO CRIMINOSO

Ninguem tem o direito de se isolar ; ninguem pode ser indifferente ao movimento que se processa na vida nacional. Ninguem deve afastar-se dos centros de acção social catholica que nos cumpre fortalecer e consolidar com a consciencia illuminada pelos principios religiosos e philosophicos da Igreja. Ninguem pode alheiar-se nem ensimesmar-se dentro de uma despreocupaçào criminosa que é pusilanimidade e covardia, porque a ninguem é licito se deixar vencer pela fraqueza, quando todos devemos contribuir para a recatholisaçào dos catholicos, para a rechristianisaçào dos espiritos.

A VICTORIA DO TRABALHO

O trabalho, affirma Perreyve, é sempre um combate no qual só a vontade alcança a victoria. E a vontade só alcança a victoria ao preço do sacrificio. O sacrificio, eis a ultima palavra de toda acção deste mundo.

Trabalhemos, pois, com denodo, com entusiasmo, em favor da acção social catholica.

COOPERATIVAS DE CREDITO

Prestigiemos, até o sacrificio, si preciso for, as nossas cooperativas de credito que estão ahi a desafiar a maledicencia dos que blasonam contra o caracter professional dessas maravilhosas organizações catholicas.

ESPIRITO DE ASSOCIAÇÃO

Cerremos fileiras em torno de nossas associações catholicas, de nossas irmandades, de nossas corporações religiosas, porque só por meio da solidariedade intransigente de nossos principios christãos é que poderemos ver fecundado o campo que nos incumbe lavrar, para a fartura da colheita opulenta na seara do Senhor.

SYNDICATOS CHRISTÃOS

Organisemos os nossos syndicatos christãos, porque sabemos que só nelles não predominam interesses pessoaes, nem há nelles outra preocupação que não a do bem collectivo, defesa real das classes, que desejam a força de união indispensavel e a harmonia bemfazeja que as guiem para a affirmação de seus direitos e possam pugnar, dentro dos principios da moral e da sociologia christãs, pelas suas reivindicações justas e necessarias, para o equilibrio das forças em movimento. E só esse equilibrio de forças é que determinará a perfeita cohesão que há de fazer das classes sociaes um bloco invencivel na defesa dos lares, no reerguimento das virtudes que estão sendo ennodoadas para satisfação de nossos insaciaveis adversarios. E' preciso que se incuta no animo dos interessados que só ao amparo das forças catholicas é possivel alcançar o equilibrio desejado no terreno das reivindicações tão explorado em detrimento dos humildes.

LIGAS E CIRCULOS DE ESTUDO

Fortaleçamos as ligas catholicas, nucleos benemeritos de acção efficiente e de trabalho digno, para afastamento de seus elementos componentes dos meios deleterios onde se corrompem os caracteres.

Precisamos organizar circulos de estudos, centros de actividade intellectual, aggrupar sob a egide da Igreja as forças catholicas para a christianisação das

almas, para a santificação da familia, para a moralidade da educação, para o reajustamento dos laços que devem tornar a sociedade o agrupamento humano necessario onde haja a solidariedade precisa á sua sustentação, rigorosamente moldada nas regras que a Igreja impõe.

A OBRA DA MOCIDADE

Sobretudo, é preciso congregar a mocidade em torno de organizações modelares e de instituições moralisadas, para subtrahil-a ás corrupções do mundo.

Sensibilizado pelo estado de penuria em que se encontrava a juventude de seu tempo, o abbade João José Allemand fundou, em Marselha, em 1799, a primeira Obra da Mocidade franceza, que salvou da corrupção consideravel numero de jovens, livrando-os do abysmo a que a dissolução de costumes da epoca os impellia fatalmente.

Da mesma sorte, o bemaventurado D. Bosco, em Turim, em 1846, visando preservar a sociedade e evitar-lhe a ruina ameaçadora de sua desorganização completa, creou a Obra da Mocidade, porque, no seu entender, «si a mocidade é má, má será a sociedade. E' preciso, pois, para salvar a sociedade, salvaguardar a mocidade.»

A nossa Congregação Mariana de Moços realisa, entre nós, o milagre dessa preservação, dando aos moços que a compõem o mais proveitoso ensejo de preparar o espirito e fortalecer a alma no enrijamento de um caracter que não se dobre e possa fazer frente aos embates da adversidade na lucta que é necessaria, sob pena de não haver gloria no triumpho si a victoria for facil, para a affirmação eloquente do movimento que não deve arrefecer, sempre em proveito da cada vez mais efficiente acção social catholica.

A BOA IMPRENSA

Prestigiemos e reergamos a Boa Imprensa, para que sejam divulgadas as ideas sãs, a doutrina pura, os ensinamentos que nos enchem o coração da

doçura da palavra do Mestre. E' preciso que o terreno não fique abandonado e não recuemos deante da adversidade que nos será fatal. E' preciso que a realza de Christo não se limite ao ambiente estreito de mero convencionalismo. Dilatemos o campo de acção e reconquistemos as posições mal guarnecidas. Que a palavra do Rei dos reis ecoe por toda parte, seja levada a todos os recantos, se propague sem limites a todos os homens de boa vontade, porque foi assim que Jesus Christo ordenou aos apóstolos, para pregarem e ensinarem a todas as nações, a todos os povos, numa successão de vinte seculos, sem arrefecimentos e sem temores mesquinhos.

Todos devem saber porque creem. E como poderão sabel-o si não se lhes ensina, com a verdade eterna? Como poderão ser destruidas as objecções contra o nosso Credo? Como ensinar aos que estão na ignorancia de nossos dogmas? Com justiça escreve Tristão de Athayde que «a ignorancia ainda é uma das graves insufficiencias do nosso catholicismo, muito mais sentimental que racional e objectivo.»

São Vicente de Paula, escrevendo em 1631 a François de Coudray, padre da missão em Roma, dizia: «Um grande personagem em doutrina e em piedade me dizia hontem ser da opinião de Santo Thomaz: que aquelle que ignora o misterio da Trindade e o da Incarnação, morrendo nesse estado, morre em estado de desespero, e sustenta que esse é o fundamento da doutrina christã. Ora, isso me sensibilizou extremamente e me sensibilisa ainda, de modo que tenho medo de ficar em desespero eu mesmo, si não me preoccupar incessantemente com a instrucção do pobre povo. Que motivo de compaixão! Quem nos desculpará deante de Deus da perda de um tão grande numero de homens que podem ser salvos em virtude dos pequenos socorros que se lhes pode dar!»

Assim falava o amigo da caridade, o santo dos pobres, o protector dos humildes. E que devemos dizer quantos peccadores podemos pela palavra escripta ou falada propagar as ideas da Igreja e os ideaes de nossa Religião!

O Santo Padre Leão XIII, dirigindo-se aos bispos do Brasil, em 18 de setembro de 1899, assim se expressava: «E' verdadeiramente digno de lastima ver os homens de bem descurar as armas que, manejadas pelos impios com um encanto enganador, prepararam a ruina deploravel da fé e dos costumes. E' preciso que as pennas se agucem, que o pendor literario se desenvolva afim de que a mentira ceda o passo á verdade e que a estrada da razão recta e da justiça se abra pouco a pouco para acolher os espiritos prevenidos.»

Trabalhemos nesse sentido e promettamos a nossa propaganda desenvolvida em favor da Boa Imprensa e de tudo quanto se relacione com os interesses supremos de nossa Religião.

CHRISTIANISMO SOCIAL

Não devemos desfallecer ante a immensidade do programma, que nos cabe obedecer, para não haver desastres que nos eliminem e nos façam ter vergonha de nossa falta de coragem. Sigamos o conselho de Tristão de Athayde, o arremetedor destemido desta hora historica da vida brasileira, cuja palavra deve ser propagada a cada instante. Elle nos aconselha a installar um grupo de acção catholica que se destine a dar a cada instituição visada o sentido real de sua finalidade, á luz dos principios integraes do christianismo social. Toda essa acção, porem só poderá ser efficaz quando coordenada, articulada e subordinada á hierarchia do clero e á autoridade do Bispo. O individualismo é o peor veneno da acção catholica. E tudo o que seja ambição pessoal ou dispersão de esforços, em multiplicação de obras individuaes, sem bastante espirito associativo, é tempo perdido e actividade contraproducente.

DEVER POLITICO

Entre os deveres da hora presente, ha tambem um que não pode deixar de interessar-nos seriamente.

te: o dever político que, naturalmente, se deve basear nos princípios da politica racional christã, e para isso devemos contar com um corpo extenso de catholicos perfeitamente conscientes das responsabilidades doutrinarias de sua posição.

LIGA ELEITORAL CATHOLICA

Não nos é possível, de agora, tratar do grande partido catholico nacional. Mas podemos arregimentar-nos, cerrando fileiras em torno da Liga Eleitoral Catholica, recentemente approvada pelo eminente Cardeal D. Sebastião Leme, para arregimentação dos catholicos de ambos os sexos. Não se trata de um partido, declara S. Eminencia, mas de organização do eleitorado catholico, na defesa dos princípios sacrosantos da Igreja, da moral e da sociedade. O nosso grande cardeal espera que nenhum catholico deixe de cumprir o dever de fé e de civismo que nos impõe a hora presente: trate cada um de se alistar e procure com esforços de zelo que outros se alistem entre os eleitores da liga, da qual é secretario geral Tristão de Athayde.

D. Leme recommenda á oração e á actividade dos fieis a Liga Eleitoral Catholica, certo de que o voto consciencioso e disciplinado dos catholicos, mesmo sem partido, influirá nos destinos da Patria.

Não poderão fazer parte das juntas—nacional, estadual, regional ou local—as pessoas que por sua situação politica partidaria possam comprometter a finalidade da Liga, que sempre se conservará acima e fora de todos os partidos politicos. Os socios da Liga poderão filiar-se a qualquer partido, reservando porem para si toda a liberdade necessaria para seguir a orientação eleitoral da mesma. No entretanto, não poderão os socios pertencer a partido politico, cujo programma infrinja os deveres da consciencia religiosa.

São esses, em linhas geraes, a finalidade e o ideal maior da Liga Eleitoral Catholica.

ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA

Nesta festa de Christo Rei, no mesmo mez da Virgem do Rosario em que o saudoso João Maria—o creador da imprensa catholica entre nós—entregou a alma a Deus para ir ao seu lugar na mansão dos justos, e em que o nosso querido D. José Pereira Alves fez circular o nosso primeiro diario catholico, mez de Santa Teresinha, sob cuja protecção o nosso preclaro D. Marcolino collocou a construcção de nosso imponente Seminario—viveiro abençoado de futuros legionarios do bem e propagadores infatigaveis das verdades evangelicas—protestemos fiel obediencia aos mandamentos de nossa Santa Madre Igreja, juremos que haveremos de continuar a dedicar todo nosso esforço e toda nossa intelligencia em favor do movimento de acção social catholica entre nós, trabalhando pelas suas obras, agindo em favor dos supremos interesses da Religião, batalhando pela implantação do reinado social de Christo, e erguendo em cada coração um pedestal de sua magnifica realeza.

PELA NOSSA FE'

Promettamos collaborar com o pensamento catholico universal em beneficio da propagação da Fé, dizendo com Santo Agostinho: «Quando o espesso véo das sombras nocturnas houver obscurecido completamente o dia, ignore nossa fé as trevas; seja a noite illuminada pelo esplendor dessa Fé. Não permittas, Senhor, que o espirito adormeça e sim apenas tal succeda ao peccado; sejam nossas almas suavizadas pelos calidos vapores do somno, pelo refrigerio da fé. Livres de todo o pensamento impuro, sonhem comtigo as regiões secretas de nosso coração. E que o medo das ciladas do adversario invejoso não perturbe o tranquillo repouso dos homens.»

Orgulhemo-nos dessa Fé sublime que nos arrebatava para a bemaventurança eterna. Avivemos cada vez mais os nossos pensamentos ao clarão abençoado da verdadeira Religião de que tanto nos ufana-

mos. Trabalhemos com desassombro, afrontando todos os perigos.

VIVA CHRISTO REI

Que a acção social catholica reuna em todas as suas obras os elementos catholicos de elite e os elementos catholicos de boa vontade, os grandes e os pequenos, os poderosos e os humildes, porque aqui entre nós não ha desigualdades chocantes nem superioridades que nos amesquinhem uns deante dos outros.

O ideal é um só. Estamos voltados para o mesmo objectivo. A causa interessa a todos. E nesta communhão de pensamento. Nesta harmonia de vistas. Nesta união de vontades definidas é que está a certeza de nossa victoria, o triumpho das forças catholicas, que num brado eloquente de enthusiasmo e de fé fazem ecoar pelo infinito o grito do Santo Padre, que eleva as almas e comsigo eleva o mundo :

VIVA CHRISTO REI.



